

## A CONSCIÊNCIA E SUA EXPRESSÃO<sup>1</sup>

David Rosenthal<sup>2</sup>

### Resumo

Uma descrição completa das emoções deve inevitavelmente fazer referência ao seu conteúdo intencional. Estados como alegria, medo, raiva, espanto, tristeza, prazer e frustração são sobre estados de coisas, e representam essas coisas como tendo certas propriedades. As emoções, como estados cognitivos, têm conteúdo intencional. Entretanto, é igualmente claro que as emoções não são apenas casos especiais de atitudes proposicionais, mas são tipos distintos de estado mental. O que é isso, então, que distingue as emoções de estados cognitivos? Parte da resposta está, sem dúvida, na sensação fenomenal que as emoções exibem. Normalmente, há um “como se sente” quando se está zangado, alegre, ciumento, amedrontado ou triste, enquanto as atitudes proposicionais não têm tal aspecto fenomenal. Embora a ocorrência de uma ou outra sensação fenomenal seja característica da maioria das emoções, tal sensação fenomenal é muito menos central à natureza desses estados do que muitas vezes se supõe. Há algo mais em ser um Eu do que a coleção de estados mentais em que se está; esses estados devem estar juntos de uma forma que resulte em alguma unidade característica e individualidade. Depois de revisar brevemente algumas questões gerais que surgem na explicação da consciência, eu apresento e defendo brevemente uma hipótese sobre como estados mentais são conscientes, e sobre como estados mentais conscientes diferem daqueles que não são. Usando essa hipótese, eu desenvolvo uma explicação tanto de porque todos estados cognitivos expressos verbalmente são conscientes, e por que os estados afetivos podem não ser conscientes mesmo quando verbalmente expressos.

### Introdução

Há meio século, muitas vezes se sustentava que as emoções carecem do conteúdo intencional que caracteriza estados cognitivos. O empirismo lógico tornou popular a ideia de que certas sentenças carecem de significado cognitivo, tendo apenas um significado emotivo. Tais sentenças, afirmava-se, expressam simplesmente sentimentos, não estados cognitivos. Uma vez que o conteúdo dos atos de fala reflete os estados mentais que expressam, e frases que expressam emoções não têm nenhum significado cognitivo, essas próprias emoções deveriam carecer do conteúdo intencional característico de atitudes proposicionais.

Ao passo em que a influência dessas doutrinas semânticas diminuiu, tornou-se no entanto cada vez mais claro que uma descrição completa das emoções deve inevitavelmente

---

<sup>1</sup> Tradução para o português: Alfredo Pereira Jr. Artigo originalmente publicado em *Midwest Studies in Philosophy* XXII (1998).

<sup>2</sup> Philosophy and Cognitive Science, Graduate Center, City University of New York

fazer referência ao seu conteúdo intencional. Estados como alegria, medo, raiva, espanto, tristeza, prazer, e frustração são sobre estados de coisas, e representam essas coisas como tendo certas propriedades. As emoções, como estados cognitivos, têm conteúdo intencional.

Entretanto, é igualmente claro que as emoções não são apenas casos especiais de atitudes proposicionais, mas são tipos distintos de estado mental. O que é isso, então, que distingue as emoções de estados cognitivos? Parte da resposta está, sem dúvida, na sensação fenomenal que as emoções exibem. Normalmente, há um “como se sente” quando se está zangado, alegre, ciumento, amedrontado ou triste, enquanto as atitudes proposicionais não têm tal aspecto fenomenal.

Embora a ocorrência de uma ou outra sensação fenomenal seja característica da maioria das emoções, tal sensação fenomenal é muito menos central à natureza desses estados do que muitas vezes se supõe. Emoções de diferentes tipos freqüentemente não são distinguíveis em relação à sua sensação fenomenal. Não há normalmente nenhuma diferença perceptível na sensação fenomenal entre a fúria e o horror, a devoção e a compaixão, o medo e a raiva, a decepção e a tristeza, embora as emoções em cada par sejam surpreendentemente diferentes. Em qualquer caso, existem outros fatores além do sentir fenomenal que ajudam a distinguir as emoções dos estados mentais de outras ordens. Um tem a ver com a centralidade das emoções para a nossa compreensão do Eu. Há algo mais em ser um Eu do que a coleção de estados mentais em que se está; esses estados devem estar juntos de uma forma que resulte em alguma unidade característica e individualidade.

Pode-se argumentar que as emoções sejam excepcionalmente adequadas para fornecer a unidade e a individualidade necessárias ao Eu. Para muitas emoções, muito provavelmente, não se pode tê-las sem distinguir-se de outras individualidades. Para este tipo de distinção, não é necessário que alguém esteja em estados mentais de qualquer outro tipo. Pensamentos e desejos podem ser sobre qualquer coisa, e sensações podem representar qualquer objeto perceptível, assim como estados do corpo. Mesmo quando um pensamento, desejo ou sensação representa algo que acontece para um Eu, o estado mental não precisa se representar este objeto como um Eu. Em contraste, o próprio conteúdo das emoções tipicamente pertence às interações, reais e nocionais, entre um Eu e outros. Raiva, inveja, ciúmes, indignação, afeição, ódio, devoção, compaixão e desprezo normalmente dizem respeito a outras pessoas. E embora alegria, medo, orgulho, decepção, e desdém não precisem ser sobre outras pessoas,

as interações com os outros desempenham um papel importante no conteúdo destes estados. Conceber-se como um eu em relação a outros é necessário para a maioria das emoções. Em outros trabalhos, eu explorei essa conexão característica entre as emoções e o self.

Um outro recurso que ajuda a distinguir as emoções do conhecimento positivo das coisas reside em uma diferença na forma como se tornam conscientes. Atitudes proposicionais têm conteúdo intencional, que pode ser expresso na fala. Da mesma forma, para as emoções, quando estamos encantados, zangados, tristes ou esperançosos, às vezes dizemos coisas que expressam essas emoções, mas há uma diferença entre o que acontece quando expressamos esses dois tipos de estado em palavras. Sempre que alguém expressa verbalmente um estado cognitivo, o estado é consciente. Nós nunca, ou quase nunca, colocamos pensamentos em palavras sem que esses pensamentos sejam conscientes<sup>2</sup>. Por contraste, as emoções podem ser verbalmente expressas sem serem conscientes, e muitas vezes elas o são. Nós dizemos coisas que expressam nosso prazer, raiva, prazer, ou tristeza, mesmo quando essas emoções não são conscientes.

Por que é que estados cognitivos e afetivos diferem deste modo? Por que deveríamos expressar verbalmente nossos estados cognitivos de modo suficiente para que esses estados sejam conscientes, enquanto a expressão de nossas emoções não ocorre deste modo? No que se segue, eu tento responder estas perguntas. Acontece que as diferenças no modo como estados cognitivos e afetivos se comportam em relação à consciência e sua expressão verbal não é devido a qualquer diferença no que é para os dois tipos de estado serem conscientes. Pelo contrário, é por causa de uma diferença no que acontece quando os dois tipos de estado são verbalmente expressados.

A ligação, no caso de estados cognitivos, entre a consciência e sua expressão verbal, sem dúvida encorajou a ideia de que uma conexão essencial se mantém entre a linguagem e a mente. E, uma vez que a consciência tem sido tradicionalmente considerada central para a mente, esse elo também pode ter levado à insistência, por alguns, no sentido de que os estados cognitivos seriam a forma paradigmática de funcionamento mental. Da mesma forma, a falta de qualquer ligação entre a consciência e a expressão verbal das emoções pode ser parcialmente responsável pela negligência comparativa das emoções, na maioria dos tratamentos teóricos da mente.

De acordo com a teoria psicanalítica, os benefícios oriundos do tratamento consistem, em grande parte, de se tornar conscientes determinados estados inconscientes. Mas por que seria importante falar sobre os sentimentos de alguém? Porque isso seria necessário para alcançar o resultado terapêutico? As considerações anteriores ajudam a fornecer uma resposta teoricamente motivada. No caso de estados cognitivos, a simples expressão verbal dos estados é suficiente para eles serem conscientes. Mas isso não é assim para os estados afetivos, que importam mais para fins terapêuticos. Simplesmente expressar estados afetivos em palavras não pode garantir que aqueles estados se tornem conscientes. É preciso ir mais longe, e explicitamente relatar ou descrever esses estados. Por esta razão, uma explicação satisfatória desta diferença entre estados cognitivos e afetivos muito provavelmente é relevante para a teoria psicanalítica.

Consequentemente, eu ocasionalmente considero, no que se segue, certos aspectos do pensamento de Freud sobre a consciência. Depois de revisar brevemente algumas questões gerais que surgem na explicação da consciência, eu apresento e defendo brevemente uma hipótese sobre como estados mentais são conscientes, e sobre como estados mentais conscientes diferem daqueles que não são. Usando essa hipótese, eu desenvolvo uma explicação tanto de porque todos estados cognitivos expressos verbalmente são conscientes, e por que os estados afetivos podem não ser conscientes mesmo quando verbalmente expressos. Concluo com algumas breves observações sobre como a parapraxia se relaciona com estas conclusões.

## **1. Freud e a Consciência**

Algumas coisas são tão básicas que desafiam nossa capacidade de explicá-las de uma forma que seja útil. Muitos autores têm afirmado que este é o caso da consciência: esta é tão fundamental que resiste a qualquer explicação. Nossa experiência diária inclui um fluxo constante de pensamentos conscientes, percepções e sentimentos. Simplesmente ter pensamentos conscientes, percepções e sentimentos não ajuda a explicar o que significa tais estados serem consciente. Se tudo o que podemos dizer sobre a consciência é como subjetivamente aparece para cada um de nós, uma abordagem explicativa da consciência não seria efetivamente possível.

É tentador se considerar o projeto de explicar consciência não apenas como difícil ou impossível, mas também sem sentido. A experiência cotidiana parece encorajar a tradicional idéia de que todos os nossos pensamentos, emoções e percepções são conscientes. E se eles são todos conscientes, não acrescenta nenhuma informação dizer que tal estado é consciente. Se todos os estados psicológicos estão conscientes, explicar a consciência é supérfluo, uma vez que tenhamos explicado os pensamentos, percepções e sentimentos.

Não é preciso dizer, porém, que nem todas as percepções, pensamentos e emoções são conscientes. Há muito trabalho teórico e experimental em psicologia cognitiva e do desenvolvimento, neuropsicologia, pesquisa e prática psicanalítica, lingüística teórica e psicologia da percepção, que estabelece, além de qualquer questão, que o funcionamento mental freqüentemente ocorre sem ser consciente. Isso significa que existe uma tarefa explicativa a ser realizada. Desde que alguns pensamentos, sentimentos e percepções são conscientes e outros não, devemos explicar em que essa diferença consiste. Meu objetivo inicial é esboçar brevemente como isso pode ser feito.

Pensamentos, percepções e emoções ocorrem tanto consciente quanto inconscientemente; então, uma dessas duas maneiras de ocorrer deve ser a condição natural padrão ("default") desses estados. A condição natural padrão de tais estados deve ser a condição de ser ou não ser consciente.

Estabelecer qual condição é a natural padrão é a nossa tarefa explicativa. Se é da natureza dos estados psicológicos ser consciente, talvez não precisemos explicar por que alguns deles são conscientes; esta seria simplesmente sua condição natural, mas precisaríamos então explicar por que outros estados desse tipo não são conscientes. Se, por outro lado, os estados psicológicos não são em sua natureza conscientes, não precisamos explicar por que os estados não-conscientes não são conscientes, mas teríamos que descobrir o que é o fator em virtude do qual outros estados são conscientes.

Pode ser, é claro, que alguns tipos de fenômenos mentais tenham, como condição natural padrão, que sejam conscientes, e outros, que não sejam. Assim, alguns teóricos consideraram que a condição natural padrão para os estados cognitivos não é tornarem-se conscientes, ao passo que os estados afetivos seriam conscientes em sua natureza. Voltarei a essa possibilidade mais tarde. Por enquanto, quero apenas enfatizar o ponto mais abstrato sobre o que é necessário e o que não é necessário explicar.

Talvez ninguém tenha concedido maior atenção para estados mentais que não são conscientes do que Freud. Por isso, é interessante notar uma certa ambivalência no pensamento de Freud sobre a consciência. Se os estados psicológicos são conscientes em sua própria natureza, não precisamos explicar por que alguns são conscientes, mas apenas por que os outros não o são. Mais importante, se estar consciente é, portanto, condição natural para estados mentais, a consciência pode aparecer como inexplicável. E isso, surpreendentemente, parece ter sido a atitude de Freud. Como escreveu em 1938, a consciência é uma qualidade "única e indescritível" dos estados mentais<sup>3</sup> e "o fato da consciência...desafia toda explicação ou descrição"<sup>4</sup>.

Ainda assim, com uma exceção que observarei mais tarde, Freud *também* declarou explicitamente que a condição natural padrão para estados mentais não é a de ser consciente. Em suas palavras, "os processos mentais são em si mesmos inconscientes"<sup>5</sup>. E de novo: "a mentalidade, seja qual for sua natureza, é em si mesma inconsciente." A consciência, escreveu ele, é "uma qualidade inconstante" das ocorrências mentais", que é "muito mais frequentemente ausente do que o presente"<sup>6</sup>. Portanto, é intrigante que Freud também tenha acreditado que a consciência "desafia toda explicação ou descrição"<sup>7</sup>.

É tentador especular que Freud foi levado a essa conclusão pelo lugar central em seu pensamento sobre o mecanismo de repressão. Por causa da repressão, certos estados mentais que normalmente seriam conscientes são inconscientes. A repressão explica por que esses estados mentais não são conscientes e o que é para eles não serem conscientes. Em contrapartida, Freud não tinha um mecanismo adequado para explicar o que é que os estados conscientes são conscientes e, portanto, nenhuma explicação da consciência. Ainda assim, se ele estava certo sobre a questão geral de que os estados mentais não são conscientes, precisamos de uma explicação porque os conscientes são conscientes.

## **2. Explicando a Consciência**

Eu concordo completamente que a condição natural padrão para estados mentais não é a de ser consciente. Ser consciente é uma propriedade adicional que alguns estados psicológicos têm e outros não. Como, então, podemos explicar a diferença entre os estados conscientes e os que não são?

No fundo, a diferença entre estados que são conscientes e os que não o são é a seguinte: quando um estado mental é consciente, a pessoa está de alguma forma consciente *deste* estado. Por contraste, quando um estado mental não é consciente, não se está de modo algum consciente dele.

Esta caracterização preliminar pode, inicialmente, ser circular, mas não é. Estamos conscientes de muitas coisas. Estamos conscientes de todas as coisas que vemos e ouvimos, experimentamos e tocamos; e conscientes de modo diferente para as coisas em que pensamos. Ver e ouvir Clinton, e pensar sobre ele, são formas de estar consciente de Clinton.

Além disso, estamos conscientes não apenas de pessoas e objetos, mas de nossos próprios estados mentais. Posso estar consciente de que quero comer alguma coisa, ou consciente de que estou vendo Clinton, ou consciente de que estou pensando em Clinton. E isso é exatamente o que acontece quando esses estados mentais são conscientes - quando meu querer algo, ou ver ou pensar em alguém, são estados conscientes. Quando esses estados são conscientes, sou consciente, de um modo característico, *destes* estados.

A razão pela qual isso não é circular é que "estar consciente *a respeito de* algo" é uma propriedade muito mais geral do que "estar consciente". Portanto, não há problema em se caracterizar o que é um estado ser consciente em termos de se estar consciente *a respeito deste estado*. Ainda assim, mais deve ser dito antes de entendermos plenamente o que é para um estado psicológico ser consciente. Suponha que eu esteja com raiva *de alguém*, mas inconscientemente. Suponha ainda que minha raiva se torne evidente para uma outra pessoa, e que essa pessoa me informe que estou com raiva. Eu acredito nessa pessoa, e então venho a acreditar que estou zangado. Isto é, eu me torno consciente *a respeito da* minha raiva. No entanto, eu posso não sentir conscientemente qualquer raiva; neste caso, eu sou consciente *a respeito de* minha raiva, mas minha raiva não é consciente. O que está faltando? O que é que é especial sobre a maneira como estamos conscientes de nossos estados mentais quando esses estados são conscientes?

O que é especial quando minha raiva é consciente é que estou consciente dessa raiva de uma maneira que me parece ser imediata. E isso pode não acontecer quando eu simplesmente tomo a palavra de outra pessoa de que estou com raiva. Além disso, podemos explicar em que consiste esse imediatismo aparente. Quando ocorre, tenho consciência de estar zangado de tal maneira que me *parece* não haver qualquer mediação entre a raiva e a

minha consciência dela. Mais geralmente, quando qualquer pensamento, sentimento ou percepção é consciente, a pessoa está consciente desse estado de uma maneira que parece não ser mediada de modo algum.

Como mencionei acima, há diferentes maneiras pelas quais podemos estar conscientes das coisas. Estamos conscientes das coisas quando as vemos ou as ouvimos, ou as percebemos de alguma outra forma. E nós somos conscientes das coisas quando temos pensamentos sobre elas. Portanto, precisamos determinar qual destas maneiras de ser consciente das coisas figura nos estados mentais que são conscientes. Quando nossos sentimentos, pensamentos e percepções são conscientes, estamos conscientes deles porque os sentimos de alguma forma, ou porque temos pensamentos sobre eles?

Muitos pensadores consideraram o primeiro modelo convidativo. Filósofos de Aristóteles a John Locke e até os dias de hoje, sustentam que percebemos nossos estados conscientes por meio de um tipo de "sentido interior". Freud também parece ter adotado esse modelo. Assim, em seu artigo sobre metapsicologia, "O Inconsciente", ele recomenda que "aproximemos a percepção [de processos mentais] por meio da consciência à percepção do mundo externo por meio dos órgãos dos sentidos"<sup>8</sup>.

Eu quero insistir, no entanto, que este é o modelo errado. Um número de considerações apoia esta conclusão. Por um lado, não existe um órgão dos sentidos dedicado para sentir nossos pensamentos, percepções e estados afetivos. Além disso, todo sentido envolve uma modalidade sensorial diferenciada; de fato, há uma gama de qualidades sensoriais distintivas específicas para cada modalidade. A visão, por exemplo, envolve qualidades de cor, e a audição, qualidades sonoras.

As únicas qualidades que figuram quando estamos cientes de nossos estados mentais são as qualidades dos estados de que estamos cientes, e não qualidades que dizem respeito à nossa consciência desses estados. Quando vemos algo conscientemente, por exemplo, as únicas qualidades relevantes são as qualidades de cor de nossas sensações visuais. Da mesma forma, para os outros tipos de fenômenos mentais de que somos conscientes, não há qualidades que caracterizem nossa percepção dos fenômenos mentais.<sup>9</sup>

Por essas e outras razões, devemos rejeitar a ideia de que, quando nossos pensamentos, sentimentos e sensações são conscientes, estamos perceptivelmente conscientes desses estados. Ainda assim, nós somos conscientes deles de alguma forma. A única alternativa é

que nós pensamos sobre esses estados. Uma vez que esses pensamentos são sobre estados mentais, vou me referir a eles como pensamentos de ordem superior (*Higher-Order Thoughts* - HOTs).

Escusado será dizer que raramente estamos conscientes de ter tais HOTs sobre nossos estados mentais. Quase todas as percepções, pensamentos e sentimentos conscientes que temos na vida normal parecem nos ser completamente desacompanhados por HOTs. Isso refuta o modelo HOT? Não. Nós estaremos cientes do nosso HOTs apenas se esses HOTs forem pensamentos conscientes. E não há motivos para esperar que ordinariamente nossos HOTs sejam conscientes. Somente quando nos concentramos introspectivamente em nossos estados mentais seus HOTs são conscientes.

Uma das razões pelas quais muitos pensadores têm favorecido o modelo perceptivo de como estamos conscientes de nossos pensamentos e sentimentos conscientes é que esse modelo parece explicar por que somos conscientes desses estados de uma maneira que parece ser imediata. Quando vemos e ouvimos objetos físicos, nada parece mediar as coisas que vemos e ouvimos e nossa percepção perceptiva delas. E é assim que parece quando nossos estados mentais são conscientes. Isso tem levado a se negligenciar as falhas do modelo perceptivo, seu compromisso com um sentido especial e com qualidades sensoriais misteriosas.

O modelo HOT pode capturar igualmente bem a aparente imediaticidade da maneira como estamos conscientes de nossos pensamentos e sentimentos. Contudo, não temos ciência dos HOTs que nos tornam conscientes desses pensamentos e sentimentos. Estamos conscientes desses pensamentos e sentimentos sem ter qualquer ideia sobre como ficamos conscientes deles. Quando nos concentramos introspectivamente em nossos pensamentos e sentimentos conscientes, porém, estamos conscientes de ter HOTs sobre esses pensamentos e sentimentos. No entanto, permanecemos completamente inconscientes de qualquer processo de pensamento que nos leve a ter essas HOTs. Então, novamente, parece que nada é intermediário entre esses pensamentos e sentimentos e nossa consciência deles. Na medida em que nossos HOTs são conscientes, estes pensamentos nos são inteiramente espontâneos. Isto é diferente dos casos nos quais nos tornamos consciente de algo por meio de uma outra pessoa nos advertindo, como no exemplo em que acreditamos quando uma outra pessoa nos diz que estamos com raiva.

O modelo HOT explica exatamente o que é necessário: a diferença entre os fenômenos mentais conscientes e os que não o são. Por si só, pensamentos, percepções e sentimentos não são conscientes. Quando são conscientes, são acompanhados por HOTs apropriados sobre eles. Por "apropriado" quero dizer que o HOT parece ser espontâneo e, portanto, não mediado. Esses HOTs nos tornam conscientes de nossos pensamentos, sentimentos e percepções conscientes, embora, em geral, os HOTs não sejam eles próprios conscientes.<sup>10</sup>

Freud e outros, às vezes, afirmam que, diferentemente dos pensamentos e desejos, as emoções e sentimentos corporais não podem ocorrer sem serem conscientes. Nas palavras de Freud: "É certamente a essência de uma emoção, que devemos estar cientes dela...A possibilidade do atributo de inconsciência seria completamente excluída no que diz respeito às emoções, sentimentos e afetos".<sup>11</sup> Freud observou que nós "falamos de uma maneira condensada, e não inteiramente correta, de "sentimentos inconscientes"<sup>12</sup> mas nós o fazemos, ele sustentou, somente porque o caráter representacional dos sentimentos é reprimido ou deturpado.<sup>13</sup>

Sem dúvida, muitos casos dos chamados sentimentos inconscientes são de desse tipo, e, portanto, não são literalmente inconscientes. Às vezes, por exemplo, estamos cientes de estarmos zangados, mas descrevemos erradamente, ou não estamos suficientemente esclarecidos, sobre o motivo dessa raiva. Ainda assim, a raiva não reportável, descrita anteriormente, nos dá uma boa razão para rejeitar a conclusão geral de que estados afetivos não podem literalmente deixar de ser conscientes. Há casos em que uma pessoa está claramente zangada, mas sinceramente nega estar com raiva. Essa negação sincera é uma prova convincente de que a raiva simplesmente não é consciente. Ainda assim, podemos descrever a raiva da pessoa, em tais casos, com uma terminologia que é caracteristicamente mental; podemos dizer se a raiva é intensa ou leve, e dizer qual é o seu objeto, isto é, com o que a pessoa está zangada. E, como Freud observou no caso dos estados cognitivos, o fato de usarmos a mesma terminologia, para descrever estados inconscientes, que usamos para descrever estados mentais conscientes, é uma evidência convincente de que os estados inconscientes são de natureza mental.<sup>14</sup>

### **3. Consciência e Reportabilidade**

Este é, em linhas gerais, o modelo HOT de consciência e algumas das razões para se pensar que seja verdadeiro. Para o resto desta discussão, quero falar sobre algumas aplicações

do modelo, que fornecem uma confirmação útil do mesmo. Estas aplicações também devem ajudar a tornar o modelo um pouco mais concreto.

Quando uma pessoa está com raiva, ou pensando em alguém, ou mesmo percebendo algo, a raiva, o pensamento ou a percepção da pessoa podem ou não ser conscientes. Quando são conscientes, a pessoa pode falar respeito do assunto; pode dizer, por exemplo, coisas como "estou com raiva", "estou pensando nessa pessoa" e "vejo (ou ouço) essa coisa". Estas observações basear-se-ão em inferências não conscientes, seja do que as outras pessoas tenham dito, ou de qualquer outra fonte. Serão comentários espontâneos sobre os próprios estados mentais da pessoa.

Mesmo quando a raiva, o pensamento ou a percepção da pessoa não é consciente, no entanto, é possível que alguém se comporte de maneira a revelar o que pensa, pensa ou percebe. Mas quando esses estados não são conscientes, não se pode falar aos outros sobre eles. Pelo menos, não se pode falar sobre esses estados de maneira espontânea, característica do caso dos estados conscientes. Pode-se ainda dizer as coisas de um modo que revele esses estados inconscientes; pode-se, por exemplo, falar com um tom irritado. Mas se a raiva de alguém não é consciente, esta pessoa não pode relatar espontaneamente aos outros que está com raiva.

O modelo HOT fornece a melhor explicação dessa conexão entre consciência e reportabilidade espontânea. Para isso, considere a conexão geral que invariavelmente se mantém entre as afirmações que fazemos e os pensamentos que essas afirmações expressam. Suponha que eu lhe diga: "Clinton vencerá". Minha observação expressa meu pensamento de que Clinton vai ganhar. Em geral, sempre que alguém diz alguma coisa, a observação expressa algum pensamento que se tem naquele sentido.

Suponha agora que estou conscientemente com raiva e digo que estou. Minha observação, "estou com raiva", expressa um pensamento que tenho. Esse pensamento é o pensamento de que estou com raiva. É um HOT sobre minha raiva. Dizer que estou com raiva, invariavelmente, expressa uma sensação de que estou com raiva. Quando meus pensamentos e sentimentos são conscientes, posso falar espontaneamente aos outros sobre esses estados; quando meus pensamentos e sentimentos não são conscientes, não posso. A melhor explicação dessa diferença é que, quando meus pensamentos e sentimentos são conscientes, tenho HOTs sobre esses pensamentos e sentimentos. Porque eu tenho esses

HOTs, eu posso expressá-los na fala, dizendo explicitamente que eu tenho aqueles pensamentos e sentimentos. E quando meus pensamentos e sentimentos não são conscientes, podemos explicar melhor minha incapacidade de dizer essas coisas espontaneamente apelando para a ausência, nesses casos, de tais HOTs. Não consigo expressar HOTs que não tenho.

Essas observações corroboram a hipótese de que o pensamento consciente é uma questão de ser acompanhado por um HOT sobre esse pensamento ou sentimento. Além disso, essa hipótese aplica-se igualmente aos estados cognitivos e afetivos. Como observado anteriormente, é verdade que os dois tipos de estado podem ser relatados espontaneamente, se forem conscientes, ao passo que não posso, se não estiverem conscientes. E para ambos os tipos de estado, o motivo pelo qual podemos relatar espontaneamente quando estão conscientes, mas não quando não estão, é que apenas os conscientes são acompanhados por HOTs adequados. São esses HOTs que expressamos quando relatamos espontaneamente nossos estados conscientes. O mesmo fator é responsável pela consciência de nossos estados cognitivos e afetivos.<sup>15</sup>

#### **4. Consciência e Expressão**

O que é ser consciente é o mesmo para os estados cognitivos e afetivos. No entanto, verifica-se que existem diferenças interessantes e importantes na maneira como esse modelo se aplica aos dois tipos de estado. Mencionei anteriormente que, embora eu não possa relatar espontaneamente meus estados mentais quando esses estados não são conscientes, ainda assim posso me comportar de uma maneira que manifeste esses estados. Suponha que eu esteja com raiva; mesmo que minha raiva não seja consciente, minhas expressões faciais, modos e movimentos corporais podem muito bem mostrar essa raiva. Estes atos servem para expressar minha raiva não verbalmente. O mesmo se aplica para pensamentos e outros estados cognitivos. Minhas expressões faciais e movimentos corporais podem revelar o que estou pensando. Por exemplo, pegar meu guarda-chuva pode expressar minha crença de que não está chovendo.

Muitas vezes, é claro, revelamos nossos pensamentos e sentimentos verbalmente, pelo uso de palavras. Quando lhe digo o que penso ou sinto, revelo esses pensamentos e sentimentos, mas dizer explicitamente o que alguém pensa e sente não é a única maneira de

revelar em palavras nossos pensamentos e sentimentos. Também *expressamos* pensamentos e sentimentos em palavras. Como veremos, é crucial distinguir a *expressão verbal* de nossos pensamentos e sentimentos tanto do *relato verbal* explícito desses estados, quanto de sua *expressão não-verbal*.

Vamos começar com os pensamentos e outros estados cognitivos. Suponha que eu pense que esteja chovendo. Eu posso expressar esse pensamento verbalmente, dizendo "Está chovendo", ou reportar explicitamente o meu pensamento, dizendo "Eu *penso* que está chovendo". Ou, novamente, posso expressar o mesmo pensamento não verbalmente, tomando meu guarda-chuva. A questão que quero focar é como essas diferenças se relacionam com a consciência. Quando relato meu pensamento, dizendo explicitamente: "Penso que está chovendo", vimos que esse pensamento deve ser um pensamento consciente. O relato do pensamento de que está chovendo exprime meu pensamento de alta ordem (HOT) de que esteja chovendo, e este HOT me torna espontaneamente consciente do meu *pensamento de que está chovendo*. Em contraste, se expresso não-verbalmente meu pensamento de que está chovendo, este pensamento não precisa ser consciente. Embora o fato de eu estar pegando meu guarda-chuva me faça pensar que está chovendo, esse pensamento pode não ser consciente. Eu poderia tomar o guarda-sol distraidamente, como dizem, "sem pensar" - isto é, sem pensar conscientemente.

E quanto ao caso intermediário, no qual eu não relato meu pensamento explicitamente, nem o expresso não-verbalmente, mas o expresso verbalmente? Eu expresso verbalmente o meu pensamento de que está chovendo simplesmente dizendo: "Está chovendo". E acontece que, quando expresso meu pensamento verbalmente dessa maneira, o pensamento é sempre consciente. Da mesma forma com todos os nossos pensamentos e outros estados cognitivos. Dizer "Clinton vai ganhar" expressa verbalmente meu pensamento de que Clinton vai ganhar; e sempre que expresso verbalmente este pensamento, o pensamento é consciente. De fato, com uma certa exceção que desconsiderarei neste momento,<sup>16</sup> nós nunca, como notado acima, dizemos qualquer coisa que expresse um pensamento ou outro estado cognitivo sem que o estado cognitivo seja consciente.

Vamos agora voltar nossa atenção para os estados afetivos. Suponha que eu esteja com raiva de você por ter feito uma determinada coisa. Se minha raiva é consciente, eu poderia explicitamente denunciar a raiva, dizendo "Eu estou com raiva de você", ou eu poderia

expressar minha raiva não verbalmente, digamos, por alguma expressão facial ou linguagem corporal. Assim como acontece com os estados cognitivos, quando expresso verbalmente minha raiva a raiva pode ou não ser consciente. Mas como, então, eu poderia verbalmente expressar minha raiva? Expressar verbalmente os diferentes tipos de estados cognitivos se faz por meio de formas distintas da fala, que refletem o tipo de estado expresso. Se me questiono sobre alguma coisa, expresso meu pensamento fazendo uma pergunta; se acredito em alguma coisa, expresso isso com uma afirmação; se eu quero que você faça alguma coisa, posso falar no imperativo; se eu desejo algo, falo no subjuntivo ou optativo; mas não existem formas de discurso adequadas para os diferentes tipos diferentes de estados afetivos.<sup>17</sup>

Essa dificuldade não pode ser resolvida por meio de uma menção explícita ao estado afetivo em questão. Lembre-se de que quando digo "estou com raiva", simplesmente reporto minha raiva; eu não a expresso verbalmente. Dizer algo que menciona explicitamente minha raiva constitui um relato da raiva. A questão permanece sobre como *expressamos verbalmente* nossa raiva, ao invés de reportá-la. A resposta é que eu expresso verbalmente minha raiva pelo que você fez dizendo coisas como "Você não deveria ter feito aquilo" ou "O que você fez foi ruim (ou inaceitável, ou desnecessário, e semelhante)". Dizer essas coisas expressa minha raiva, mas sem explicitamente mencioná-la - sem, é claro, reportá-la.

Pode ser que essas coisas às vezes também sejam ditas sem qualquer indício de indignação subjacente, que sejam ditas como julgamentos puros e objetivos da falta de mérito naquilo que você fez. Mas isso é provavelmente raro. Em qualquer caso, tudo o que é necessário para nossos fins é uma forma de discurso que, em muitos casos, mesmo que não seja totalmente, expressa a raiva e o faz sem necessariamente reportar que se está com raiva. Sempre que digo "Está chovendo", expressando verbalmente meu pensamento de que está chovendo, esse pensamento é consciente. Mas as coisas são muito diferentes quando expresso verbalmente meu estado de saúde e outros estados afetivos. Quando expresso verbalmente minha raiva pelo que você fez, dizendo, por exemplo, "o que você fez foi desnecessário", a raiva subjacente pode ou não ser consciente. Estados cognitivos verbalmente expressos são invariavelmente conscientes; estados afetivos verbalmente expressos não precisam ser.

Como vimos, o modelo HOT de consciência explica por que os estados mentais que relatamos explicitamente devem ser conscientes. O modelo também pode explicar a diferença para a qual acabo de chamar atenção, entre estados cognitivos e afetivos? Por que é que os

estados afetivos verbalmente expressos não precisam ser conscientes, mas os estados cognitivos expressos verbalmente devem ser? No caso de estados afetivos, como a raiva, o modelo HOT prevê claramente a coisa certa. Quando eu expresso verbalmente minha raiva dizendo "O que você fez é inapropriado [ou algo do tipo]", não há razão para se pensar que eu devo ter qualquer HOT sobre minha raiva. Mesmo que eu esteja com raiva, pode ser que o único pensamento relevante que tenho é que o que você fez é inadequado. Eu posso estar inconsciente da minha raiva. Dizer "o que você fez é inapropriado" pode expressar minha raiva sem que eu o saiba. Dessa forma, a expressão verbal da raiva se assemelha à sua expressão não verbal, digamos, pela linguagem corporal ou pela expressão facial. Alguém pode estar totalmente inconsciente de sua raiva, sem saber que sua linguagem corporal ou expressão facial a expressa.

O modelo HOT explica claramente por que podemos expressar verbalmente estados afetivos mesmo quando esses estados não são conscientes. O que precisamos, então, é uma explicação de por que estes estados são diferentes dos estados cognitivos. Quando digo "Está chovendo", expresso meu pensamento de que está chovendo, mas a minha fala não expressa qualquer HOT sobre o meu pensamento de que está chovendo. Eu só expresso meu pensamento de que está chovendo. Por que, então, todos os pensamentos expressos são conscientes? Pode o modelo HOT explicar por que eles são, dado que dizer "Está chovendo" expressa verbalmente apenas o meu pensamento de que está chovendo, e não algum HOT?

Quando uma pessoa pensa que está chovendo, há duas maneiras distintas de a pessoa transmitir esse pensamento em palavras. A pessoa pode simplesmente dizer: "Está chovendo", expressando verbalmente o pensamento de que está chovendo. Ou a pessoa pode dizer "Acho que está chovendo", relatando assim esse pensamento. Ao dizer "Está chovendo", refere-se explicitamente apenas ao clima, enquanto a observação "Acho que está chovendo" se refere explicitamente a um pensamento sobre o clima. Embora as duas observações literalmente signifiquem coisas diferentes, elas têm a mesma força coloquial. Dizer "Acho que está chovendo" está literalmente descrevendo o que se pensa, mas o óbvio efeito conversacional é transmitir algo sobre o clima.

As duas observações são distintas semanticamente, mas de forma convencional e pragmática elas são equivalentes. Quaisquer diferenças entre as duas em relação ao grau de confiança expresso podem ser prontamente canceladas, ou até mesmo revertidas, por mudança

de ênfase ou contexto. Ainda mais crucial para os nossos propósitos, essa equivalência é essencialmente natural, para qualquer pessoa que entenda como falamos. É uma piada de mau gosto interpretar a afirmação "Eu acho que está chovendo" como não sendo sobre o tempo, mas apenas sobre os pensamentos da pessoa. É uma piada de mau gosto porque a equivalência conversacional entre essa observação e a observação "Está chovendo" é completamente automática para qualquer pessoa com habilidades comuns de falar e entender. Por causa dessa equivalência automática de conversação, é em grande parte indiferente se alguém diz "Está chovendo" ou "Eu acho que está chovendo". De fato, nós normalmente não podemos nos lembrar, nem mesmo um momento depois, de qual dos dois foi dito, seja por nós ou por outra pessoa.

Isso tem implicações importantes sobre a expressão verbal da consciência. Suponha que esteja chovendo. Se, então, eu disser "Eu acho que está chovendo", eu expesso um HOT sobre a ideia de que está chovendo. Meu pensamento de que está chovendo teria que ser um pensamento consciente. Mas a equivalência automática descrita nos diz que, mesmo quando digo "Está chovendo", eu também digo "Acho que está chovendo". Isto é, eu também expressei verbalmente um HOT sobre o meu pensamento de que está chovendo, uma vez que eu poderia igualmente ter expressado que eu teria o HOT, mesmo que tudo o que eu realmente dissera é que estava chovendo. A equivalência automática entre dizer "Está chovendo" e "Acho que está chovendo" significa que *o HOT estará presente em qualquer uma das duas frases que eu disser.*

Mesmo quando expressamos nossos pensamentos, esses pensamentos devem ser conscientes. Quando expressamos nossos pensamentos de forma não-verbal, no entanto, essa equivalência conversacional automática não se aplica. Se tomo meu guarda-chuva, expressando assim meu pensamento de que está chovendo, não há equivalência automática entre o ato de pegar o guarda-chuva e o dizer "Acho que está chovendo". Portanto, nenhum ouvinte, nesse caso, pensaria que eu tenho qualquer HOT sobre o meu pensamento de que está chovendo. Os pensamentos que expressamos não verbalmente não precisam ser pensamentos conscientes.

A equivalência conversacional automática também está ausente quando expressamos nossos estados afetivos, mesmo quando expressamos verbalmente esses estados. Suponha que eu esteja com raiva de você e eu expresse verbalmente essa raiva dizendo "O que você fez foi

desnecessário". Não existe uma equivalência automática de conversação entre fazer esse tipo de observação e dizer "Eu estou com raiva de você". Então, novamente, não temos razão neste caso para pensar que alguém tem um HOT sobre a raiva de alguém. Expressar verbalmente nossos estados cognitivos é suficiente para torná-los conscientes deles, expressar verbalmente estados afetivos não o é. Como a consciência dos estados afetivos só é assegurada quando são explicitamente descritos, então os estados afetivos são, ao contrário do que clamam Freud e outros autores (ver o final da seção II), um passo aquém da consciência do que estados cognitivos.

Às vezes, quando digo coisas como "Você não deveria ter feito aquilo" ou "O que você fez foi ruim (ou inaceitável, ou não solicitado)", eu expesso minha raiva contra você. Mas também é possível dizer essas coisas de maneira totalmente desapaixonada e sem qualquer sentimento, consciente ou não. Nesse caso, eu simplesmente expesso o pensamento de que você não deveria ter feito aquilo, ou que o que você fez foi ruim (ou inaceitável, ou desnecessário). Em outras situações, minha observação pode fazer as duas coisas; pode de imediato expressar minha opinião e expressar meu pensamento sobre o caráter infeliz de seu comportamento.

Nosso uso ocasional de observações desse tipo para expressar pensamentos desapaixonados, sem nenhuma emoção a eles vinculada, torna fácil, quando essas observações expressam emoções, permanece inconsciente dessas emoções. Dizer "O que você fez foi errado" às vezes expressa apenas uma avaliação desapaixonada da ação de alguém, sem sentir raiva. Assim, mesmo quando a observação expressa raiva, pode-se considerar apenas um pensamento desapaixonado; a pessoa pode se ver simplesmente comentando o caráter não-meritório de uma ação. Nesse caso, a pessoa terá um HOT no sentido de que considera a ação como infeliz, mas não terá o HOT de que ela está irritada. Os HOTs de uma pessoa negligenciam o aspecto afetivo dos estados mentais expesso por suas afirmações; é o ato de fala que expressa verbalmente a raiva não consciente.

Minha observação de que o que você fez foi errado pode expressar meu medo, meu pensamento desapaixonado ou ambos. Quando expressa tanto o pensamento quanto a raiva, o pensamento é invariavelmente consciente, mas mesmo quando expressa apenas minha raiva eu tenho um HOT no sentido de que tenho o pensamento de que o que você fez estava errado. Isso é assim quer eu esteja ou não consciente de minha raiva. A observação "O que você fez

foi errado" é, condicionalmente à performance, equivalente a dizer "Eu acho que o que você fez foi errado, e essa equivalência é natural. Então, sempre que eu digo que o que você fez foi errado, eu tenho um HOT no sentido de que eu penso isso.

Muitos atos de fala funcionam destas duas maneiras, às vezes como expressão de alguma emoção e outras vezes como expressão de um julgamento desapassionado sobre os méritos de alguma coisa. Este papel duplo é parte do que está subjacente à insistência dos empiristas lógicos de que julgamentos normativos aparentes são não mais do que expressões verbais de emoções. Atos de fala teriam o mesmo conteúdo mental que os estados mentais que eles expressam.<sup>18</sup> Assim, uma vez que a raiva, por exemplo, pode ser expressa verbalmente por afirmações como "Você não deveria ter feito aquilo", o conteúdo normativo destas observações reflete o próprio conteúdo do estado de raiva que tais observações às vezes expressam, assim como acontece para para outras emoções e suas expressões verbais.

Estas observações, entretanto, não podem sustentar o contraste proposto pelos empiristas lógicos entre o significado cognitivo e o emocional. Como notado anteriormente, as próprias emoções têm um conteúdo intencional; assim, suas expressões verbais têm significado cognitivo, assim como outras declarações não-avaliativas. Além disso, os atos de fala que expressam verbalmente emoções frequentemente também constituem expressões verbais de estados cognitivos.<sup>19</sup>

Os estados afetivos podem não ser conscientes mesmo quando expressos verbalmente. Portanto, fazer com que esses estados sejam conscientes exige mais do que apenas serem expressos em palavras. Como observado anteriormente, isso é relevante para entender o benefício terapêutico dos tratamentos psicanalíticos e afins. Simplesmente expressar verbalmente nossos estados afetivos não precisa produzir resultados terapêuticos. Para tornar nossos estados afetivos conscientes, devemos relatar - ou seja, devemos explicitamente descrever e falar sobre - esses estados.

De fato, uma pessoa expressar em palavras seus estados afetivos pode, na verdade, interferir no sentido destes estados se tornarem conscientes. Suponha que eu expresse minha raiva dizendo que o que você fez não foi solicitado. Posso considerar minha observação como não mais do que um comentário desapassionado sobre seu comportamento, e entender meu comentário dessa maneira pode me levar a ficar relutante em considerar o que eu disse como sendo uma expressão de minha raiva contra você. Isso é especialmente provável, uma vez que

tais declarações parecem invariavelmente expressar pensamentos, sejam ou não conscientes de que expressam uma emoção. Minha interpretação do meu estado de espírito, incorporada no HOT de que tenho um certo juízo desapassionado sobre seu comportamento, pode impedir-me de reconhecer e, portanto, de estar consciente da maneira como me sinto sobre esse comportamento. Por essa razão, questionar considerações morais e outras avaliações deste tipo pode às vezes facilitar a tomada de consciência de nossos estados afetivos.

## 5. Parapraxia e Consciência

Deixe-me concluir aplicando brevemente esses resultados ao fenômeno da parapraxia. Eu disse que expressar verbalmente nossos pensamentos é o suficiente para que esses pensamentos sejam conscientes, mas nossas afirmações verbais, na parapraxia, não expressam pensamentos inconscientes, pensamentos dos quais não estamos cientes? Eu diria que não. Por um lado, os estados que meus deslizamentos verbais revelam raramente são estados cognitivos; normalmente são estados afetivos. O conteúdo latente do desempenho de fala nesses casos é a raiva ou o desejo de alguém, não uma crença discreta sobre as coisas. Talvez, no entanto, esses deslizamentos às vezes revelem estados cognitivos. Talvez uma palavra não intencional se intrometa, revelando algum pensamento ou crença inconsciente. Quando isso acontece, a intrusão dessa palavra é melhor construída não como uma parte integral do que estou dizendo, mas como uma parte do comportamento não-verbal. A palavra intrusiva revela meu pensamento inconsciente, assim como esse pensamento pode ser revelado pelo meu tom de voz ou por outros aspectos não atendidos conscientemente.

Como observado anteriormente, o modo como dizemos as coisas frequentemente revela coisas, sem expressar verbalmente esses pensamentos. O pensamento latente inconsciente nesses casos é um fator causal interno que interfere na expressão perfeita de minha consciência, tanto quanto tal pensamento pode inconscientemente afetar o comportamento não-verbal.<sup>21</sup> Pode-se, no entanto, argumentar que o pensamento latente do interlocutor é expresso não apenas pela intromissão. uma única palavra, mas por todo o desempenho da fala. Considere o caso freqüente citado por Freud, no qual o presidente da Câmara dos Deputados do Parlamento austríaco disse "Eu...declaro a sessão *fechada*", em vez de "*aberta*".<sup>22</sup> Uma interpretação plausível dessa situação é que o presidente tinha uma intenção inconsciente de encerrar a reunião. E, uma vez que o conteúdo dessa intenção

corresponde exatamente ao conteúdo do desempenho real da fala, parece plausível supor que esse desempenho da fala exprima a intenção inconsciente correspondente. Mas essa interpretação é insustentável. O presidente também tinha uma intenção consciente de abrir a reunião.<sup>23</sup> E, se vemos toda a elocução como expressão de uma intenção latente de terminar a reunião, não podemos explicar a conexão entre essa performance da fala e a correspondente intenção consciente. Podemos fazer justiça completa à situação apenas se interpretamos o desempenho de fala como um todo como expressando aquela intenção consciente. A intenção inconsciente de fechar o encontro - ou, melhor, o desejo latente de não tê-lo aberto - se aproveita da expressão, no discurso, da intenção consciente, injetando a palavra "fechado". É a única palavra que revela e, portanto, expressa, a intenção inconsciente.

Os deslizos da parapraxia não prejudicam a generalização de que todos os estados cognitivos expressos verbalmente são conscientes. Assim, o modelo HOT é bem sucedido em explicar as coisas que precisam ser explicadas; explica por que alguns estados cognitivos e afetivos são conscientes, dado que não é de sua natureza intrínseca serem conscientes. E também explica por que os estados conscientes, tanto afetivos quanto cognitivos, são os estados sobre os quais podemos falar espontaneamente para os outros. Além disso, o modelo explica por que a expressão verbal de estados cognitivos é suficiente para esses estados se tornarem conscientes, ao passo que isso não acontece com estados afetivos. Concluimos que o modelo fornece uma estrutura promissora para pesquisas futuras.

## Notas e Referências

- 1- "Emotions and the Self," in Emotion: Philosophical Studies, ed. Gerald E. Myers and K. D. Irani (New York: Haven Publications, 1983), pp. 164-191.
- 2- Como a pequena exceção a essa generalização não afeta o contraste aqui traçado entre estados cognitivos e as emoções, normalmente não observarei isso. Veja, no entanto, a nota 16, abaixo.
- 3- "Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis," in The Complete Psychological Works of Sigmund Freud, tr. and ed. James Strachey (London: The Hogarth Press, 1966-74) (henceforth "Standard Edition"), XXIII: 279-86, p. 283. Ao citar Freud, substituí "psíquico" na tradução de Strachey por "mental".

- 4- An Outline of Psycho-Analysis. Standard Edition, XXIII: 141-208, p. 157.
- 5- "The Unconscious." Standard Edition, XIV: 166-215. p. 171.
- 6- "Some Elementary Lessons." Standard Edition. XXIII: 279-86, p. 283.
- 7- An Outline of Psycho-Analysis. Standard Edition, XXIII: 141-208, p. 157.
- 8- "The Unconscious." Standard Edition, XIV, 166-215, p. 171. [Veja também "Perceptual and Cognitive Models of Consciousness." *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 45, 3 (Summer 1997): 750-746].
- 9- Pode-se dizer que tais qualidades ocorrem embora não tenhamos consciência delas. Mas quando introspectamos nossos estados mentais, estamos conscientes de estar conscientes desses estados e, mesmo assim, não temos consciência de nenhuma qualidade pertencentes à nossa consciência desses estados. As únicas qualidades de que temos consciência são as qualidades dos próprios estados. Os clínicos psicanalíticos podem insistir que às vezes há uma qualidade afetiva para a maneira como estamos conscientes de nossos estados psicológicos, mas esses casos são melhores explicados como os efeitos conscientes associados a certos estados que se tornam conscientes.
- 10- Vide, por exemplo, minhas publicações: "State Consciousness and Transitive Consciousness," *Consciousness and Cognition*, 2, 4 (December 1993): 355-363; "Consciousness and Metacognition," in *Metarepresentation: Proceedings of the Tenth Vancouver Cognitive Science Conference*, ed. Daniel Sperber, New York: Oxford University Press, 2000, pp. 265-295; and "A Theory of Consciousness," in *The Nature of Consciousness: Philosophical Debates*, ed. Ned Block, Owen Flanagan, and Güven Güzeldere, Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1997, pp. 729-753.
- 11- "The Unconscious," *Standard Edition*, XIV, 166-215, p. 177.
- 12- *The Ego and the Id*, *Standard Edition*, XIX: 3-68, p. 22.
- 13- "The Unconscious," *Standard Edition*, XIV, 166-215, p. 177-8.
- 14- Freud chamou tais estados cognitivos de "atos mentais": "Todas as categorias que empregamos para descrever atos mentais conscientes, tais como idéias, propósitos, resoluções e assim por diante, podem ser aplicadas" igualmente a estados mentais inconscientes. De fato, ele continuou, "a única maneira pela qual" muitos desses "estados latentes [isto é, inconscientes] diferem dos conscientes ... está precisamente na falta de consciência". ("The Unconscious," *Standard Edition*, XIV, p. 168. The Strachey edition has 'some' such states;

Cecil M. Baines's translation has 'many' [in Freud: General Psychological Theory, ed. Philip Rieff (New York: Collier Books, 1962): 116-150, p. 116].)

15- Em contraposição a Freud; vide, por exemplo, The Ego and the Id, Standard Edition, XIX: 3-68, p. 22-23.

16- A exceção diz respeito à expressão verbal dos próprios HOTs.

17- Uma exceção pode ser a gratidão, que expressamos dizendo "obrigado".

18- Vide Rosenthal, D. (1986) "Intentionality", *Midwest Studies in Philosophy*, 10: 151-84.

19- É de qualquer modo provável que o contraste dos empiristas lógicos entre o significado emotivo e cognitivo dependesse de uma falsa assimilação das emoções a sensações corporais como a dor, uma vez que o termo "sentimento" se aplica a ambos.

20- Muitas vezes, nesse tipo de caso, o pensamento é consciente; mas nem sempre precisa ser.

21- Assim, devemos ter o cuidado de distinguir entre qual pensamento um ato de fala expressa e os vários outros pensamentos que figuram em sua produção. Um fator a considerar é o próprio ponto de vista do falante. Quando o pensamento latente é, na verdade, inconsciente, o falante assumirá a *performance* relevante como expressão do pensamento consciente correspondente, não o pensamento latente. Mesmo quando uma explicação adequada do lapso é oferecida, o falante sente, de modo padronizado, que o pensamento latente distorceu a tentativa de expressar verbalmente o pensamento manifesto. Mas há considerações mais decisivas. Tome um caso simples: um orador diz "Isso foi ruim", onde "Isso foi bom" teria sido socialmente apropriado. E o orador confessa ter pensado naquele momento que era bom; isto é, o pensamento do falante de que era ruim foi, no momento do proferimento da fala, totalmente inconsciente. Em que aspecto do desempenho da fala a parapraxia consiste? Se alguém diz que a parapraxia é o enunciado completo, "Isso foi ruim", pode ser tentador concluir que o ato de fala expressa o pensamento inconsciente de que era ruim. Mas essa interpretação não faz justiça à situação. O palestrante queria, em certo sentido, dizer "Isso foi bom"; assim, o ato de falar como um todo deve estar ligado a esse pensamento consciente, embora auto-enganador. A parapraxia não consiste no desempenho geral da fala do falante, mas na intrusão não intencional (ou seja, conscientemente não intencional) da palavra "ruim" no desempenho da fala.

22- The Psychopathology of Everyday Life, Standard Edition, VI: 1-289, p. 59-60; vide também "Some Elementary Lessons," Standard Edition, XXIII: 279-86, p. 284ss.

23- Freud nota corretamente que "there can be no doubt that what the President intended to say was 'opened'" ("Some Elementary Lessons," Standard Edition, XXIII: 279-86, p. 284).

## CONSCIOUSNESS AND ITS EXPRESSION

### **Abstract**

A full description of the emotions does inevitably make reference to their intentional content. States such as joy, fear, anger, astonishment, sorrow, delight, and disappointment are all about things, and they all represent those things as having certain properties. The emotions, like cognitive states, do have intentional content, but it is equally plain that the emotions are not just special cases of propositional attitudes, but are distinctive types of mental state. What is it, then, that distinguishes the emotions from cognitive states? Part of the answer doubtless lies with the phenomenal feel that emotions exhibit. There is normally a particular way one feels when one is angry, joyful, jealous, afraid, or sad, whereas the propositional attitudes have no such phenomenal aspect. Although the occurrence of some phenomenal feel or other is characteristic of most emotions, phenomenal feel is a lot less central to the nature of those states than is often supposed. There is more to something's being a self than the collection of mental states it is in; those states must go together in a way that results in some characteristic unity and individuality. After briefly reviewing some general issues that arise in explaining consciousness, I put forth and briefly defend a hypothesis about what it is for mental states to be conscious and about how conscious mental states differ from those which are not. Using that hypothesis, then, I develop an explanation both of why all verbally expressed cognitive states are conscious and why affective states may well fail to be conscious even when verbally expressed.